

ENSINO MÉDIO E JUVENTUDE EM QUESTÃO

O presente número de *EccoS* volta ao tema do ensino médio e à formação dos jovens, no intuito de contribuir para pensar esse nível da educação que, inegavelmente, tem recebido menos atenção nas publicações sobre educação em nosso país do que a educação fundamental e a educação superior.

Historicamente, o ensino médio tem vivido “à sombra” do nível mais básico e do nível superior, seja no aspecto dos investimentos seja no aspecto das pesquisas. Tomado em princípio como etapa propedêutica aos estudos universitários para a pequena parcela da população brasileira que galgava esse nível de formação, o ensino médio acabou ganhando uma nova caracterização quando as camadas mais populares começaram a aceder a ele: o de formação terminal para o mercado de trabalho. E essa dupla característica tem sido mantida por diversas décadas, até a legislação mais recente, que engloba o ensino médio na educação básica e coloca por objetivo lograr sua universalização. Para alguns ele significará uma etapa de transição aos estudos universitários; para outros, significará a preparação para uma atuação qualificada no mundo do trabalho. Em um ou em outro caso, o ensino médio encontra seus objetivos fora de si mesmo. Ou está voltado para preparar para o vestibular e o acesso à universidade ou está voltado para preparar o profissional que o mercado de trabalho requer.

A essa dupla perspectiva, muitas vezes conflitante, juntam-se as transformações culturais pelas quais vem passando a juventude acentuada, de forma especial, pelo acesso às tecnologias de informação e comunicação, como a internet, com suas redes sociais, e a telefonia celular, com a comunicação e

conexão em “tempo real”. Essa realidade tem imposto uma nova problematização ao ensino médio e à instituição escolar e *EccoS* pretende com o dossiê que apresenta neste número colaborar com a intensificação de um debate que se faz cada vez mais urgente.

O dossiê que ora apresentamos está composto por seis artigos, organizados em dois blocos. O primeiro bloco de três artigos está mais diretamente focado no ensino médio e em seus dilemas e problemas contemporâneos no Brasil. O segundo bloco, formado por mais três artigos, está focado na juventude, nas culturas juvenis e em sua relação com a escola na educação média.

Abre este dossiê o artigo de Celso Carvalho, intitulado “Conhecimento e profissionalização no Ensino Médio: a lógica da naturalização e da adaptação social”. O autor problematiza as atuais políticas para o ensino médio no Brasil, apontando-as como fruto do processo de atualização do capital. Nesta direção, a crítica é dirigida a dois ícones das políticas educacionais contemporâneas: a ênfase no conhecimento e, conseqüentemente, na aprendizagem; e a ênfase na profissionalização. Evidencia-se também que o apelo à profissionalização é apresentado como uma forma de consolidar a cidadania, palavra-chave das políticas sociais brasileiras desde a redemocratização da década de 1980. No entanto, o autor afirma que as estas políticas “naturalizam” os termos profissionalização e cidadania, apresentando como novidade um discurso já antigo, que atende às novas configurações do capital e do mercado de trabalho por ele instituído.

Nesta direção, o artigo aponta que

as políticas educacionais para o EM contribuem para o processo de difusão de um desenho de formação profissional em consonância com o perfil estabelecido pelo mercado. Por conseguinte, projeta uma concepção de educação cujos conteúdos se dirigem para a “aplicação” e não para a capacidade de reflexão. O perfil profissional que se deseja, afinal, é o do trabalhador passivo,

adaptável a um conjunto de exigências, que correspondem a princípios e fins do mercado e, de outro, criativo, mas em uma dita criatividade, controlada e tutelada, específica, própria do mundo da aplicação. (p. 302).

O autor conclui que a atual política para o ensino médio, articulando-o com um cognitivismo (ao centrar no conhecimento) relativo a uma suposta sociedade do conhecimento, bem como a uma “profissionalização adaptativa”, relativa a uma racionalidade técnica, acaba por reforçar a dualidade que pretendia superar, aquela do ensino médio como sendo a um só tempo propedêutico e terminal. E a reforça pelo âmbito da profissionalização, uma vez que aplicada a lógica da formação para o trabalho, faz do ensino médio uma instância tão profissionalizante quanto a própria educação profissional. E, o que é pior, articula uma formação geral para o trabalho abstrato, tornando o egresso do ensino médio uma presa dos consensos sociais fabricados e do mundo do trabalho dominado pelo capital.

Em “Tensão entre gênero e geração no currículo do ensino médio profissionalizante”, Shirlei Rezende Sales e Marlucy Alves Paraíso partem de uma pesquisa de campo, realizada junto ao Colégio Técnico da Universidade Federal de Minas Gerais (Coltec-UFMG) para problematizar duas questões de grande importância: as relações contemporâneas do ensino médio brasileiro com a tecnologia e a formação para o trabalho, por um lado, e por outro as questões de gênero de geração na escolha do campo profissional.

O artigo retoma o debate em torno da identidade do ensino médio no Brasil, problematizando a dualidade entre formação propedêutica à universidade e formação terminal para o mundo do trabalho. A atual configuração da legislação brasileira, na qual ensino médio e ensino técnico estão separados, é questionada, em nome de uma formação integrada, como aquela praticada no Coltec-UFMG. O artigo foca também a invasão do currículo pelo tema da tecnologia, mostrando que as diretrizes curriculares da edu-

cação média estão todas permeadas pelo apelo de uma formação de cunho tecnológico, mesmo quando se trata do campo das humanidades. Assim, soa ao menos estranho que a atual política para o ensino médio traga um acento na formação humanista, uma vez que tal “humanismo” é atravessado pelo tecnológico.

No tocante ao tema central, as questões de gênero e geracionais na escolha da profissão, o artigo problematiza a permanência histórica da masculinização das profissões tecnológicas e mais ligadas ao campo das ciências exatas. É tomada como parâmetro de análise uma turma do curso técnico em Eletrônica, na qual de 26 estudantes apenas cinco são do sexo feminino. As autoras argumentam que essas meninas vencem o preconceito de gênero com a profissão tecnológica, atendendo ao apelo da geração.

O tema da formação continuada dos professores do ensino médio é o foco do artigo assinado por Joana Paulin Romanowski e por Pura Lucia Oliver Martins, intitulado “Formação continuada dos professores do ensino médio no espaço da escola: implicações com o desenvolvimento profissional”. O artigo passa em revista a questão da formação continuada e os dilemas do ensino médio no Brasil, buscando dados sobre a formação continuada dos professores do ensino médio em três escolas paranaenses. Duas escolas são privadas, uma de orientação católica e outra de orientação cenecista, enquanto que uma escola é pública. Em que pesem as diferenças entre as três escolas, as autoras apontam para uma conclusão de ordem geral:

Assim, considerando os dados levantados com os professores nas pesquisas focalizadas neste texto, verifica-se que a formação continuada realizada na escola se apresenta de forma descontínua e reforça o modelo acadêmico, vivenciado pelos professores, ao centrar as propostas de formação na transmissão de conhecimentos, sem levar em consideração as necessidades dos professores e as especificidades da prática docente. (p. 334)

Essa conclusão geral sobre a formação continuada dos professores do ensino médio nestas três escolas paranaenses parece reproduzir a condição geral dos programas de formação continuada nos diversos níveis. E destacam que tanto professores quanto dirigentes das escolas apontam para uma dicotomia entre a formação inicial do professor e sua atuação profissional, de modo que a primeira não prepara adequadamente para a segunda. Da formação continuada, esperar-se-ia, então, que atendessem a esse foco deficitário da formação; porém, ela tende a reproduzir as mesmas deficiências da formação inicial, perpetuando as dificuldades na atuação profissional. Isso leva as autoras a concluir o artigo com a seguinte indagação: “O desenvolvimento do professor ultrapassa as condições do contexto em que se realiza o seu trabalho?”

Um segundo bloco do dossiê reúne outros três artigos, cuja temática central está em refletir sobre a juventude na contemporaneidade. Dirce Djanira Pacheco e Zan, no artigo “Juventude, Tecnologia e Escola: algumas aproximações”, procura refletir sobre as relações entre os jovens e a escola, na dimensão da cultura, permeadas pelas novas tecnologias. A autora parte dos dados colhidos em uma pesquisa com os estudantes do ensino médio em uma escola do distrito de Barão Geraldo, em Campinas-SP, para problematizar as transformações culturais pelas quais passa a juventude e como a escola está – ou não – reagindo a elas.

Após apontar a recente inclusão do ensino médio no âmbito da Educação Básica e a garantia de acesso a esse nível para a totalidade da população brasileira, o artigo aponta, com base em dados do Ministério da Educação, que nos últimos anos assiste-se a uma queda no número de matrículas. Na escola pesquisada, o número de matriculados neste nível é bastante pequeno e a autora aponta que uma das possíveis causas para esta queda no número de matriculados talvez seja a migração dos estudantes para a modalidade Educação de Jovens e Adultos, que tem crescido significativamente. Na escola em questão, a faixa etária dos estudantes do ensino médio está entre os 14 e os 18 anos e a pesquisa direcionou-se para o seu uso das tecnologias de informação e

comunicação, notadamente a internet (em computadores próprios ou em *lan houses*) e o telefone celular. Constatou-se que 71% dos jovens estudantes da escola utilizam computador e internet, enquanto que 94% deles têm acesso ao telefone celular.

A autora constata que, se a educação média não está logrando êxito em cumprir seu objetivo de formar para o mundo do trabalho, por outro lado, os jovens estudantes estão devidamente “antenados” com o uso das novas tecnologias, fazendo uso cotidiano e recorrente delas, especialmente para a comunicação e a produção de novas formas de relacionamento social. Os dados obtidos em sua pesquisa apontam para uma “crise da educação”, na medida em que a instituição escolar não está conseguindo proporcionar aos estudantes uma possibilidade de transitar criticamente pelos novos espaços da tecnologia, de modo que estes estudantes estão sendo apropriados pelo universo tecnológico e não se apropriando dele.

Conclui afirmando ser necessário pensar a fundo as mudanças culturais pelas quais passam os jovens, que não podem, em qualquer hipótese, ser subestimadas. É necessário conhecer os usos que os jovens estão fazendo das novas tecnologias para fazer com que a escola se aproxime deles e se repense enquanto instituição, de modo a fazer sentido na cultura contemporânea, recuperando sua possibilidade de formar criticamente a juventude.

O artigo “Jovens de periferia, estilos musicais e cotidiano escolar”, de autoria de Fernanda Feitosa do Vale e de Leila Maria Ferreira Salles, parte também de uma pesquisa desenvolvida em instituições escolares. Desta feita, a investigação foi realizada em duas escolas públicas do município de Rio Claro, interior de São Paulo, buscando compreender os estilos musicais preferidos por jovens moradores de bairros de periferia e seu impacto em sua sociabilidade e no cotidiano da escola. O artigo desfaz um preconceito corrente e já bastante arraigado no universo das culturas juvenis: aquele que afirma que os jovens de periferia são adeptos do funk e do rap. Os dados da investigação apontam para uma pulverização, uma pluralidade e um ecletis-

mo: os jovens pesquisados, de forma geral, ouvem variados estilos musicais, do pagode ao rock, da música eletrônica à música gospel. Há situações de maior adesão a um ou a outro estilo e, com isso, processos de identificação cultural; porém, esses processos se mostraram mais tênues do que a bibliografia na área faz parecer.

O artigo debruça-se ainda sobre os efeitos da vivência das culturas juvenis na comunidade escolar e como essas culturas são muitas vezes negligenciadas pela instituição escolar, quando não diretamente afrontadas por ela, o que contribui para gerar um hiato entre a vida dos jovens e aquilo a que são submetidos na escola. A conclusão se faz com o apelo a uma maior interação entre a vida da escola e as culturas juvenis, quando as autoras apontam:

Se considerarmos que a educação escolar tem por finalidade oportunizar aos jovens a apropriação de diferentes linguagens, a atenção frente aos mecanismos que engendram a precariedade na vida social, de conferir aos adolescentes possibilidades de instalar relações criativas com conhecimento e de oferecer elementos que possam ser ativados na busca de uma vitalidade a favor de existência menos precária. Talvez seja preciso nos perguntar em que medida a escola tem permitido o encontro dos conhecimentos disponibilizados na grade curricular, com ambiência estética pautada numa ética a favor de uma vitalidade transformadora das mazelas sociais. E que possibilite a vivificação de trajetórias fecundas em meio à concretude da vida contemporânea.

Por fim, consideramos que é preciso desconfiar de propostas pedagógicas apaziguadoras. E olharmos para as diferenças, tensões e conflitos entre os jovens de periferia e a escola e nos indagarmos a respeito das possibilidades dos movimentos instaurados nas produções simbólicas operantes na instituição escolar. (p. 382)

Fecha este dossiê o artigo de Clovis Nicanor Kassick, “A educação de crianças e jovens segundo princípios da pedagogia libertária: a experiência da escola Paideia de Mérida/Espanha – O que dizem os ex-paideianos?”. O artigo oferece um interessante contraponto aos demais textos do dossiê, centrados na realidade do ensino médio brasileiro contemporâneo, ao trazer a experiência de uma escola anarquista espanhola, a *Paideia*, criada e mantida à margem do sistema educativo oficial espanhol. O autor estudou a organização desta escola em seu doutorado e, dez anos depois de lá ter estado, entrevistou jovens egressos da escola para colher elementos sobre seu processo formativo.

Se na legislação brasileira para o ensino médio vemos evidenciado o objetivo de promover uma formação para a cidadania e uma profissionalização para o mercado de trabalho, impondo aos jovens uma determinada concepção de futuro, o que vemos na experiência da escola libertária espanhola é algo muito distinto. Kassick aponta que ela está voltada para a formação de “subjetividades autônomas”, que possam viver em liberdade e em solidariedade, como parte de um coletivo. As entrevistas com os jovens egressos da *Paideia* são de uma riqueza impar, ao mostrar que eles não encontram maiores dificuldade de adaptação à sociedade e mesmo a outras estruturas escolares, mas tampouco apresentam personalidades conformistas ou conformadas, estando sempre em luta por seus valores e por sua autonomia.

Como afirma o autor,

A par dos equívocos e contradições vividas na Paideia, sua experiência nos abre a possibilidade de pensar a arquitetura organizacional do processo educativo como forma de preservar a singularidade dos sujeitos enquanto condição à autonomia, principalmente, através da prática cotidiana das crianças, que revela a construção de um projeto pedagógico próprio. Também as ações dos adultos, no trabalho com as crianças e não no nível discursivo, mostram,

por sua vez, a construção de outro projeto.” (p. 416). Paideia, uma escola libertária no interior da Espanha, aí está para mostrar que uma outra educação é possível. (p. 416)

De igual modo, esse número de EccoS apresenta ao leitor mais cinco artigos de outras temáticas da área da educação, trata-se da parte diversificada que, juntamente com o dossiê, se propõe a ampliar o debate educacional. Os autores desta sessão propõem reflexões sobre juventude e escolarização em diferentes ambientes, formal e não-formal, da educação. Conta ainda com um artigo estrangeiro que analisa a reforma do nível pós-medio (*bichillerato universitario*) no sistema educacional mexicano. E por fim, um artigo sobre o papel da música na educação infantil.

O Conselho Editorial de *EccoS* espera que esta publicação possa contribuir efetivamente para este debate sobre a educação média no Brasil, que se faz urgente. E, para que isso se efetive, convida seus leitores para que se debrucem sobre o tema.

Sílvio Gallo

José Rubens Lima Jardimino

